

# DESALOJAREMOS OS INIMIGOS INFILTRADOS NAS ESTRUTURAS DO APARELHO DE ESTADO

10/4/81

## Presidente Samora Machel, num comício em Inhaminga

«A partir do Distrito de Inhaminga, na Província de Sofala, desalojaremos todos os nossos inimigos infiltrados nas estruturas do Aparelho do Estado». Estas foram palavras proferidas pelo Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel no decorrer de um comício realizado na quarta-feira em Inhaminga.

Transcrevemos em seguida aquele importante discurso:

«Há mais de dez dias que trabalhamos na Província de Sofala, essencialmente capital, Beira.

A Beira é a porta principal, para exportação e importação, da nossa riqueza do nosso trabalho. Um vestido para que chegue a Inhaminga, é necessário que passe pela Beira. A sapatinha, o sapato, o pé, perfume, azeite, óleo de cozinha, para que cheguem a Inhaminga, é necessário que passem pela Beira.

A nossa panela de alumínio, o prato, a colher, o garfo, a faca, para que cheguem até às nossas casas, é necessário que passem pela Beira. A catana com que desbravamos o mato, o machado com que cortamos a lenha, que faz ferver o leite ou o chá, para cozinhar a mapira, para cozinhar a batata-doce e a mandioca, é necessário que passem pela Beira.

O copo e o prato com que nos servimos, o guardanapo, a toalha de mesa, o cobertor, o lençol, para que cheguem às nossas casas, embelezar as nossas camas, é necessário que passem pela Beira. A enxada que arde o que nos alimenta, como a mapira, o milho, a maxixeira, a batata-doce, a mandioca, a batata-reno, a cebola, o alho, é necessário que passe pela Beira. É necessário que haja a garantia de que tudo chegue a Inhaminga.

A faca para cortar o pescoço da galinha, o cabrito do mato, o anzol, a linha que nos serve para chegar a Inhaminga. O caderno, o lápis, a caneta, o livro, tudo é necessário que passe pela Beira, que haja garantias na Beira. Mas se há ladrões na Beira, como é que as coisas vão chegar a Inhaminga?

Se roubam a enxada, instrumento essencial para a produção, como é que nós desenvolveremos o nosso Distrito de Inhaminga?

É por isso que, em primeiro lugar, fomos à Beira. Ver lá como é que as coisas, os produtos importados, que vêm de outros países para melhorar as condições do nosso Povo como é que são tratados.

Ouvimos, depois, que há problemas graves em Inhaminga. Inhaminga é o cemitério das divisas nacionais, é o centro da destruição do nosso dinheiro, o metical. Aqui, cortam as árvores e depois deixam-nas apodrecer, deixam as madeiras ao sol, à chuva, à humidade para que o Distrito de Inhaminga continue pobre e miserável. Pobre e miserável porque não escoar os seus produtos.

É por isso que vocês estão sujos. Eu quando olhei para os vossos pés, as vossas caras, vi-ros sujos. O vosso cabelo está comprido porque não há lâminas. Mas, na Beira, as lâminas estão a apodrecer. Como é que há-de chegar a lâmina e o sabão para lavar as vossas caras cheias de gordura e sujidade, se a madeira que vocês produzem não é escoada, não é vendida?

Apesar desta sabotagem toda, apesar das vossas grandes dificuldades, a beleza das mulheres de Inhaminga vence. Continua a brilhar a cara das mulheres de Inhaminga. E, apesar dessas mesmas dificuldades, o Povo de Inhaminga é um Povo heróico.

O nosso País conhece o povo de Inhaminga. Conhece a sua luta, conhece a sua determinação. Conhece também a certeza que ele leva no seu olhar, a certeza de vencer os inimigos.

Vamos vencer estes pequenos sabotadores. Agora são poucos. Naquela altura eram muitos, mas nós vencemos. Vencemos a PIDE, Pólicia, OPV, MNF, ANP, GES, Flechas. Eles escravam aqui em Inhaminga. Polvilavam como pilótos, mas nós vencemos.

Ouvimos dizer que os antigos pides estão em Inhaminga. E são arrogantes. Estão nos Caminhos de Ferro, alguns infiltraram-se nas estruturas do aparelho do Estado. Estão lá para sabotarem os nossos programas, os nossos grandes projectos, para sabotarem o desenvolvimento do nosso País. Em síntese, para sabotarem a nossa economia.

Choques de comboios, destruição de vagões, descarrilamento de carruagens, tudo isso é por acaso?

No tempo colonial, os OPV's andavam a bater às portas, de noite, das palhinhas de cada um de vocês. Quando anoitecia, vocês nunca

tinham a certeza de que veriam o sol novo. Abusavam das mulheres em nome da FIDE, em nome do poder colonial.

Quem não perdeu um marido aqui. Por causa da PIDE, por causa da OPV, quem não perdeu um filho, quem não perdeu um seu familiar em Inhaminga?

Todo o mundo conhece os massacres de Inhaminga. Levantem os braços os que perderam familiares, maridos, irmãos, filhos, nos massacres de Inhaminga.

Oçam: está alguém a chorar, ouviram? Está alguém a recordar o sofrimento naquele tempo, o tempo de crimes destes, que hoje, arrogantes, pretendem destruir a nossa economia.

Vocês no passado combaliam o ocupante estrangeiro. Hoje, os vossos maridos que são PIDES, fazem parar e apodrecer as madeiras aqui. São eles que destroem os vagões. São eles que fazem descarrilar as carruagens. São eles que desmobilizam o Povo. Porque se traia dos nossos irmãos, dos nossos maridos, dos nossos cunhados, dos nossos primos, por isso não os denunciámos às estruturas competentes não é?

Quando era o tempo colonial, vocês souberam defender-se. O inimigo vai acabar convosco. Ouviram? Porque o infiltrado está em casa conosco, é nosso primo, é nosso sobrinho, é nosso cunhado, é nosso filho, é nosso marido, é nossa mulher.

Este distrito produz muita comida. Mas é necessário produzir mais coisas. Estas coisas que nos faltam não caem do céu. O segredo está nas nossas mãos. Reparem esta enxada, as duas mãos à volta da enxada produzirão o que vocês necessitam. Podemos produzir a face que faz muito bem às crianças.

Com as vossas mãos e com a vossa cabeça poderão produzir cabritos, coelhos, patos, feijão-manjeira, abóbora, melancia, grão-de-bico, ervilha, tomate, pepino. Podem produzir tudo isso.

Podem criar cooperativas para a produção de ovos. Há regiões em que as mulheres não comem ovos, sobretudo quando estão de bebé, porque dizem que a criança pode nascer defeituosa.

Há certos grupos aqui em Moçambique que proíbem as mulheres de comer ovos quando elas estão grávidas. Dizem: a criança nasce sem cabeça, a criança nasce sem cabelo, a criança nasce com a cabeça partida. Outros dizem que a criança nasce com cabeça de galinha. Acreditam nisso? Respondam os homens. Alguns homens não deixam as mulheres comer galinha. Galinha é só para o homem. Os ovos, os cabritos, tudo isso é só para o homem.

Devemos dar essas coisas às nossas mulheres. Devemos dar as boas coisas às mulheres porque são elas que produzem os filhos, para que os nossos filhos nasçam bonitos e fortes.

Algumas mulheres aqui não dizem nada porque receiam em casa zangaça. Mas podem dizer agora que o Presidente da República disse para as mulheres comerem galinha e ovos.

Lutámos precisamente para comermos bem. Comer bem faz parte integrante da nova vida que estamos a construir. Por isso, pegamos em armas e combatesmos o colonialismo. A nossa missão, em primeiro lugar, é melhorar a comida, acabar com a fome. Mas para haver boa comida e acabar a fome, é necessário que criemos todo o tipo de animais, é preciso que comamos peixe fresco, é preciso que comamos todo o tipo de cereais. Para tal, é preciso estarmos organizados. Organizamos correctamente aí vão produzir.

Dei uma volta e encontrei algumas populações. Numa palhinha havia seis ou sete pessoas. Entre elas, vi uma senhora mexer uma panelinha de barro. As seis pessoas estavam à espera para comer. Vi uma outra pessoa assar peixe seco. E assim que comemos? E assim que pode nascer uma criança forte? Assim pode nascer uma criança forte e bonita?

Uma senhora de bebé, comendo desta maneira, terá o leite necessário para alimentar a criança?

Nós viemos aqui, precisamente porque no nosso País existem ainda elementos que não compreenderam o que é ser independente. Não compreenderam que a partir de 25 de Junho de 1975, Moçambique é um Estado soberano. Não compreenderam que a partir de 25 de Junho de 1975 somos nós quem decide o destino da nossa Pátria, que somos nós que lemos de pensar nos problemas do nosso Povo, como vestir o nosso Povo, como alimentar o nosso Povo, como calçar o nosso Povo. E também, como educar, como levar a juventude, as crianças e os adultos a combaterem energeticamente o analfabetismo e a ignorância.

Falamos do porto da Beira, porque precisamente há alguns elementos na Beira, da estação central, no porto, no sector ferroviário, que continuam a ser ladrões. A quem roubam?

Roubam à República Popular de Moçambique, roubam o Povo moçambicano que conquistou a independência consentindo os mais



Na imagem, um aspecto da assistência ao comício realizado na quarta-feira em Inhaminga

altos sacrifícios. Roubam da mesma maneira que roubavam no tempo colonial.

Quem os ensinou a roubar foi o próprio chefe da estação, que tinha uma quadrilha ao longo da linha férrea, no porto, em cada posto de trabalho.

Sabem o que é uma quadrilha? Sabem o que é um gatuno, um ladrão? Não falo do ladrão de galinhas, aquele que vai a uma casa e rouba uma panela. Falo de ladrões que estão organizados, que estão planificados.

Um desses ladrões rouba cem copos, rouba mil pratos, rouba três mil garfos, rouba trezentos vestidos, rouba duzentos pares de sapatos. Não é o conjunto dos ladrões. Caga um deles rouba isso. Então, duzentos ou trezentos ladrões, todos a roubar duzentos pares de sapatos cada um, já imaginaram o que será deste país?

Mas o que nos ofende é que eles são moçambicanos. Dirão que o Povo moçambicano é ladrão, não dirão que são alguns bandidos.

Esses elementos não representam somente o inimigo, transformam-se num cancro para a economia nacional. São elementos antienvolvimento do País. São esses que organizam a miséria. São eles que organizam a falta de bens essenciais para cada um de nós aqui.

Vejam só: esta madeira por escoar representa 350 mil contos, 350 milhões de meticals. Com esse dinheiro poderíamos construir casas para todos vocês viverem. As lojas teriam os bens de consumo, os vestidos mais bonitos, os lenços mais bonitos. Mas não temos isso porque o vosso dinheiro está ali parado.

Por isso, não pode haver contemplação com os inimigos da nossa economia. Não pode

haver coexistência entre a revolução e a reacção. Não podemos conviver com a inconsciência. E recusamos agentes activos da sabotagem contra a nossa economia.

Não sou sanguinário. Fui educado pela revolução para ser generoso. E também para acreditar na transformação dos homens. A revolução ensina também a respeitar a pessoa, o homem, dá-nos um sentido humano muito agudo e profundo.

Nós somos fortes. Primeiro, são vocês, que é de onde vem o exército. E temos as nossas armas. Esses agentes não podem resistir às armas que expulsaram daqui o colonialista, que conquistaram a nossa independência.

As nossas armas liquidaram o colonialismo português. São estas armas que fizeram cair Ian Smith. São elas que vão impedir o avanço do racista sul-africano. Hoje, para consolidarmos a nossa independência continuamos com as nossas armas nas mãos. Não as entregamos ao inimigo.

São estas armas que acabaram com os massacres de Inhaminga, são estas armas,



estão a ver? Onde está a arma do OPV, mostrem-me lá. Foi com o patrão colonialista, não foi?

De modo que temos o nosso exército, a nossa polícia, temos a segurança, temos os Grupos Dinamizadores, os Grupos de Vigilância, temos a OJM e temos a OMM.

Força imensa, esta. E toda esta força é organizada e dirigida pelo nosso Partido.

Por isso, hoje, dia 8 de Abril, dizemos: a partir do Distrito de Inhaminga, na Província de Sofala, desalojaremos todos os nossos inimigos infiltrados nas estruturas do aparelho de Estado.

Vamos criar postos de trabalho para todos, para eliminarmos o inimigo número um, a preguiça.

É isto que nos levou a Inhaminga: prestar homenagem aos habitantes deste distrito, habitado por homens, mulheres, crianças, jovens...

Hoje, somos independentes. Em Moçambique, hoje não há tribo, não há região, não há raça. A única raça nossa é sermos moçambicanos. Lutámos contra o racismo, contra o tribalismo. Lutámos contra a humilhação e a discriminação da mulher. Nós lutámos para construir a sociedade sã. Nós lutámos para criar um novo tipo de relações entre homens e mulheres, entre o nosso e os outros países, entre africanos e europeus e asiáticos. Isto é que nos galvanizou sempre. Tínhamos a certeza de que a Independência, ao vir, seria já forte. Teria uma raiz profunda. Não lutávamos para desorganizar o nosso País.

Andei pela cidade. A cidade está suja. Eu pergunto: mas isto é ignorância ou quê?

Reparei muito em algumas residências e vi painéis na porta. Na porta daquelas antigas casas em que viviam os ingleses e onde vocês eram criados de mesa. Mesmo quando criados, vocês sabiam limpar, sabiam lavar, sabiam organizar a casa. Agora, essas casas estão convosco e estão tão sujas que parecem currais.

Quem lavava a casa? Quem tratava do jardim? Quem tratava do quintal?

Eu entrei em algumas casas e encontrei uma corda esticada dentro do quarto e as capulanas e os cobertores pendurados lá. Numa casa d

na porta de entrada, a porta principal. Encontrei capulana e lenços de cabeça em cima da mesa.

Esse elemento não podem viver numa casa assim. Tem que ir para o curral dos porcos, não acham? Esses elementos não podem viver convosco, porque estão a destruir as nossas casas.

Andei pela vossa cidade. Fui ali ao parque, onde há baiões. Agora, é tudo mato e o chão está todo cheio de imundície. Somos assim, nós? O parque não é para as nossas crianças brincarem? Vocês não sabem como era o parque, como estava o



parque? Vocês não são capazes de limpar e de embelezar o vosso parque?

Outros pensam que a piscina é tomar banho, lavar a sujidade do corpo. Chegou com poeira, sujo, entrou na água. Os pés estão cheios de bichos, micróbios que provocam a doença da pele. A piscina irá transformar-se num reduto de doenças.

Antes de entrar na piscina, lavar os pés, lavar o corpo para limpar o suor e a poeira. Para tomar banho e lavar o corpo temos o quarto de banho, o sabão, depois a toalha. Na piscina não utilizamos o sabão. A piscina é para nadar, para desenvolver a constituição física, desenvolver o coração, a inteligência, os nossos reflexos, o nosso cérebro. Na piscina adquirimos boa saúde, bons músculos, um peito desenvolvido, um corpo harmonioso e cheio de força.

É por isso que exigimos a prática de desporto, que é a melhor forma de evitar as doenças.

Queria dizer-vos, meus irmãos de Inhaminga, que no dia 8 de Julho se eu não puder vir aqui para ver se há mudanças, hei-de mandar uma delegação de alto nível.

Aqui comigo estão Ministros, Generais, Comandantes, Directores nacionais, Directores provinciais. Eles hão-de voltar.

Nesta altura da sua intervenção, o Presidente Samora Machel fez a apresentação de cada elemento da sua comitiva).

Nós escolhemos o vosso distrito, Inhaminga. Agora vocês devem perguntar: por que motivo a madeira não sai, não é escoada?

Perguntem aos caminhos de ferro, perguntem a todos estes, aqui: Basta haver

madeira acumulada aqui, perguntem logo porquê.

Temos aqui deputados do distrito. Eles, que representam o poder popular, têm que perguntar ao administrador porque é que os produtos não são escoados. Perguntem ao administrador porque é que a cidade está suja. Vocês aí, que têm o poder, vão aos caminhos de ferro aqui e perguntem porque é que as oficinas estão desorganizadas.

Vocês aqui é que devem apontar quem foram os agentes do colonialismo português, quem foram os que participaram nos massacres, que são os que conduziam os carros que levavam os Pides para os massacres.

Perguntem: porque é que esses elementos ainda estão aqui? Não somos nós que devemos responder, vocês é que sabem onde eles estão, quem eles são. Eu pergunto, portanto, porque é que vocês os têm aqui?

Deputados dos distritos estão aqui. Há Comité do Partido ao nível do distrito. Então, o que fazem? Comer só mandioca?

Aqui não existe a OMM ao nível do distrito? Estou a ver ali escrito: Viva a OMM. Onde está a OMM? Viva para fazer o quê? Viva como órgão que tem vida. Não é só «Viva a OMM» — mas viva a OMM que organiza e dinamiza o Povo. Que engaje a mulher moçambicana na tarefa principal.

A OJM leu aqui uma mensagem. No entanto, eu vejo os jovens sujos, com cabelo comprido, não há embelezamento na cidade, viva para fazer o quê, OJM?

Em breve vão chegar aqui estrangeiros vindos de países amigos nossos, aqueles países que nos ajudaram durante a guerra, que nos deram a farda, as balas, as botas, as minas, os explosivos, as armas. E não só isso. Deram-nos também a ciência de matar para nascer a vida.

Mas eu pergunto: também os OPVs não tinham armas, minas?

Mas eu pergunto: também os OPVs não tinham armas, minas, explosivos? Era para quê? Para caçar gazelas? Não, era para nos matar, não é verdade?

Para nos matar para que não nascesse a liberdade. Queriam matar a liberdade. Queriam impedir a Independência. Essa palavra — Independência. Queriam perpetuar, neste País, a exploração do homem pelo homem, a escravatura. É o que esses que estão aqui e foram OPVs pretendiam.

Mas já viram o resultado da nossa arma? Não está aqui o resultado?

Agora, vocês têm o poder e não sabem exercer esse poder. Convivem com os OPVs. Aquele que apertou o pescoço do vosso marido, vosso irmão, vossa mulher, vosso sobrinho, vosso filho.

Oçam, OPVs que estão aí: as vossas mãos estão sujas de sangue. Mataram. É preciso, estando a dormir, estando a trabalhar, estando a passear, que a consciência diga: eu matei.

Até morrer, há-de perseguir-te esse corpo que mataste. Esse cadáver está constantemente sobre as tuas costas. Não apodrece nunca. É um cadáver que está sempre fresco.

Ouviram, irmãos? Mantenham sempre presente que a OPV matou. Que a PIDE matou. Que os GES mataram. Portanto, não há contemplação para com os criminosos. São criminosos, esses. Eles eram criminosos e nós combatentes da liberdade, defensores da justiça, construtores da igualdade. Homens que matam a morte.

A morte também morre. Já matámos a morte. Por isso, somos independentes, Estado soberano, Estado democrático, Estado popular. Com o nosso Partido forte, sem tribos, sem regionalismo, sem raças mas sim com moçambicanos.

Estamos hoje unidos do Rovuma ao Maputo. Conquistámos a unidade nacional. A nossa força é a unidade nacional.

Agora, trabalhamos em liberdade, somos independentes, somos homens livres.

Cultivemos, por isso, toda a nossa energia, toda a nossa inteligência, todo o nosso esforço, todos os nossos talentos. Utilizemos tudo isso em benefício do nosso Povo para construirmos um Moçambique forte, próspero, feliz, onde todos tenham o bem-estar.

Muito obrigado, meus amigos.